

[41] MATEMÁTICOS⁴¹⁴

<A>⁴¹⁵ conjunção máxima se fez no signo de Sagitário, por onde, havendo de haver mudança geral no mundo, parece que há de nascer ou ter ou tocar principalmente as terras sobre as quais domina este signo,

414 O Padre António Vieira inclui os “matemáticos” Tycho Brahe (1546-1601) e Johannes Kepler (1571-1630), respetivamente dinamarquês e alemão, na categoria dos “profetas”. Eram os dois astrónomos famosos no seu tempo: o primeiro faleceu sete anos antes de Vieira nascer, e o segundo, quando este tinha 22 anos. Foi com base nas observações do seu mestre Tycho que Kepler formulou as três leis dos movimentos planetários, que haveriam de servir de base à lei da gravitação universal de Isaac Newton (1643-1727). De facto, os astrónomos adquiriram, nessa altura, baseados na matemática, a capacidade de efetuar previsões mais exatas das posições dos planetas. No entanto, observaram-se acontecimentos inesperados no céu, que resistiam à matematização: a passagem de cometas, astros com órbitas muito alongadas do sistema solar, e só temporariamente visíveis da Terra, e a explosão de estrelas muito pesadas, num processo terminal das suas vidas, que Tycho confundiu com o aparecimento de estrelas (daí ter-lhes chamado “novas”; hoje, chamamos-lhes supernovas). A passagem de cometas foi abundante na época: por exemplo, em 1607, Kepler viu o cometa Halley, que não tinha então esse nome. E, apesar de serem eventos muito raros (apenas um em cada século, na nossa galáxia), Tycho e Kepler tiveram a sorte de observarem duas “novas”, uma cada um: Tycho viu, a olho nu, uma, em 1572 (denominada hoje SN 1572), na constelação da Cassiopeia, e Kepler viu, também à vista desarmada, outra, em 1604 (a SN 1604), no Ofiúco. Os dois escreveram dois livros com o mesmo título, *De Stella Nova*, respetivamente, em 1573 e em 1606. Tycho e Kepler viveram o tempo em que a astrologia dava lugar à astronomia, coexistindo as duas num processo lento de transição. De facto, Kepler fornecia ao Imperador Rudolfo II previsões de vários tipos. Tanto os cometas como as “novas” serviram para arredar a ideia aristotélica de imutabilidade dos céus, numa rutura que significava um enorme avanço científico. Mas, na antiga tradição astrológica, eles eram também vistos como presságios de acontecimentos. Tanto uns como outros foram interpretados como sinais de Deus. Tal foi particularmente evidente no caso da “nova” de Kepler. Como em 1603 tinha começado um novo “trígono ígneo”, um período de 800 anos iniciado por uma conjugação de Júpiter e Saturno (outros tinham começado com o nascimento de Cristo e com a coroação de Carlos Magno, no dia de Natal de 800, em Roma), a “nova” do ano seguinte não pôde deixar de ser associada a esse evento nos céus. Especulava-se, porém, sobre qual seria a grande novidade no mundo.

Vieira foi autor de um discurso místico, obviamente não científico, mas que se procurou apoiar em modernos dados da ciência. Em vários dos seus escritos fala dos cometas, procurando interpretar o seu significado. E, neste trecho da *História do Futuro*, fala das duas “novas”, a de Tycho e a de Kepler. Não tem dúvidas de que elas trazem notícias de Deus: “Que costuma Deus por sinais falar e avisar aos homens. E porquê? Porque quer que se conheça que são feitos de Sua providência, e não acasos”. Sobre o sentido desses sinais, Vieira não se coíbiu de especular, invocando, para legitimar as suas teses, os escritos dos “matemáticos”. Ele conhecia bem os livros de Tycho e Kepler sobre as novas estrelas. Quanto à primeira, cita o astrónomo dinamarquês: “Tico chama a estrela da Cassiopeia o maior milagre da natureza, que sucedeu desde o princípio do mundo, nada inferior ao parar o sol em tempo de Josué”. Quanto à segunda, que teve maior luminosidade do que a anterior, afirma que “não houve semelhante coisa no céu, depois da criação do mundo”. E não hesita em associá-la à Restauração de Portugal, que havia de ser sede do Quinto Império. Num dos seus sermões, salientou que o Rei D. João IV tinha nascido no ano da estrela de Kepler, acrescentando: “E significava mais alguma coisa a mesma Estrela nova? Duas coisas, e duas novidades as maiores que nunca viu, e há muitos anos espera ver o mundo. A primeira, que na Cristandade se levantaria uma nova Monarquia, que dominaria, e seria senhora de todo o universo. A segunda, que esta Monarquia, e o seu Monarca seria o que destruisse, e extinguisse a Seita, e Império Maometano. Assim o diz expressamente o já alegado Kepler, Matemático famoso deste século, que com a mesma Estrela diante dos olhos observando todos os movimentos seus, e dos outros astros, compôs dela um eruditíssimo livro, no qual descendo à declaração, e juízo de seus efeitos, ou influídos, ou significados, o primeiro é este: [...] Quer dizer: que desde o ano de seiscientos e quatro, em que aquela Estrela apareceu no Céu, começava a nascer, e se levantar na terra ‘uma nova República, a qual crescendo com a idade viria a formar a seu tempo um Império universal, debaixo de cuja obediência todos os Reinos do mundo, que ao presente tumultuavam ferozmente em guerras, deporiam as armas, e ele seria o jugo que os amansasse, e o freio que os contivesse em paz” (“Discurso apologético”, t. II, vol. XIII, § 9, da presente edição).

Como conciliar o profetismo político-religioso de Vieira, que busca fundamento nos astros, com a recusa da astrologia judiciária, emanada do Concílio de Trento? A doutrina católica, então clarificada, impossibilitava os juízos feitos nos horóscopos sobre o futuro de indivíduos, mas não impedia profecias a respeito da Natureza, de regiões ou de países. Contudo, como mostra o processo que lhe levantou a Inquisição, o jesuíta, obcecado com a decifração do futuro, movia-se, teologicamente, num terreno perigoso.